**POLLY WIESSNER**

Uma imagem com exterior, pessoa, árvore, terra

Descrição gerada automaticamente

Pauline “Polly” Wiessner, é uma antropóloga americana. É Professora de Antropologia na Escola de Evolução Humana e Mudança Social na Arizona State University, Professora e Investigadora na Universidade de Utah e membro da National Academy of Sciences.

Através dos seus estudos, une passado e presente, ciência e defesa de povos tradicionais na África e em Papua-Nova Guiné.

Nasceu em 1947 e vive em Stowe, Vermont, no nordeste dos Estados unidos.

**Figura 1-** Polly Wiessner com sua cacatua de estimação. Fonte: Dressler, 2010.

Começou a estudar no, agora extinto, Bennett College em Millbrook, Nova Iorque, e foi posteriormente transferida para o Sarah Lawrence College em 1969, onde tirou uma licenciatura em Escrita Criativa. Wiessner lecionou na Universidade de Aarhus, Dinamarca, de 1977 a 1980 e foi assistente de pesquisa no Instituto Max Planck de Etologia Humana de 1981 a 1996.

Enquanto esteve no Sarah Lawrence College, voluntariou-se para uma escavação de verão num sítio pré-histórico em França, onde conheceu Lewis Binford, um fundador do movimento da “Nova Arqueologia”. Mais tarde Polly colaborou nas análises de Binford sobre ferramentas em pedra do Paleolítico. Completou o seu doutoramento em Antropologia e Etnologia na University of Michigan em 1977 e recebeu uma bolsa por parte da Associação Americana para o Avanço da Ciência. (Balter, 2010, p.744).

Wiessner começou como arqueóloga no Michigan e só depois se tornou etno-arqueóloga, representando o paradigma norte-americano de que um arqueólogo é também um antropólogo, fazendo pontes entre a etnoarqueologia, arqueologia, antropologia e os estudos evolutivos.

Uma imagem com pessoa, exterior

Descrição gerada automaticamenteTrabalha tanto em antropologia evolucionária como em antropologia cultural, entre as quais não vê uma verdadeira diferença. Segundo a antropóloga, a antropologia cultural é mais virada para o estudo da cultura institucional que regula o comportamento das pessoas, ou seja, um conjunto de novas regras, normas, práticas e valores que dá regularidade ao comportamento e o torna previsível.

**Figura 2-** Polly Wiessner em Enga. Fonte: Google Imagens.

Depois de se formar, Wiessner teve interesse pelo campo da etnoarqueologia, – o estudo das pessoas modernas para ver como o registo arqueológico foi criado. Juntou-se a John Yellen, agora diretor do programa de arqueologia da National Science Foundation, ajudou-o a desenhar os mapas do acampamento dos bosquímanos no Botswana e a registar os padrões espaciais de ossos de animais que foram descartados por essas populações. Estas primeiras experiências ensinaram a Polly que o presente e o passado estavam inextricavelmente ligados, um tema que acabou por dominar toda a sua carreira de investigação. Como estudante na Universidade de Michigan, começou por estudar as diferenças estilísticas entre as ferramentas de líticos do final da Idade da Pedra no Botswana, mas depois de 2 semanas no campo, apercebeu-se que: (Balter, 2010,p.744)

*“I realized this was probably the most boring project in the world. I was looking at variation in microliths when I should be looking at living people and the social processes that generate stylistic variation.”*

A antropóloga iniciou então um trabalho de investigação que já dura há mais de 40 anos sobre o povo Ju/’hoansi[[1]](#footnote-1) “Bushmen” do deserto de Kalahari, localizado na África Austral, ocupando o nordeste da Namíbia e noroeste do Botswana.

Com a chegada de outro povo, os Bantu, à mesma área na década de 1920, estes tornaram-se vizinhos dos Ju/’hoansi, adicionando carne e leite à dieta de alguns grupos. Desde meados da década de 1970, o estilo de vida começou a sofrer mudanças substanciais, já que os Ju/'hoansi foram estabelecidos em aldeias permanentes com uma economia mista, composta por renda do trabalho assalariado, venda de artesanato, ajuda governamental, pensões, jardinagem e pecuária (Wiessner, 2014, p.14028).

A curiosidade de Wiessner estava em torno de saber como é que essa sociedade vivia e de como sobrevivem quando não há comida na área. Uma imagem com exterior, pessoa

Descrição gerada automaticamenteDescobriu assim, que este povo possui redes de contactos até 200 km de distância, com entendimento mútuo em que, em caso de necessidade, se entreajudam.

Este foi o seu trabalho original e, desde então tem estudado o funcionamento das redes sociais dessas comunidades. As mudanças nas pessoas à medida que se acomodam, recebem telemóveis e até se conectam à internet. Concentra-se nas redes de contactos social para reduzir o risco, à medida que os bosquímanos passam de caçadores recolectores para uma economia mista.

**Figura 3 -** O falecido Chu!o n!a. Na década de 1970, tinha 25 parceiros de troca de presentes dos bosquímanos em todo o deserto do Kalahari. Fonte: Balter, 2010.

O segundo local de trabalho de campo de Wiessner, está entre os Enga da Papua-Nova Guiné, onde também realizou 30 anos de pesquisa etno-histórica, sobre intercâmbios culturais, rituais e guerra.

O trabalho realizado entre os Enga de Papua-Nova Guiné explora de que forma os novos recursos e inovações tecnológicas adotados do mundo exterior, como telemóveis, armas de alta potência e transportes modernos, perturbam as instituições com valores morais tradicionais, e de que forma essas novas instituições de cooperação são estabelecidas para colocar ordem no caos.

Embora Polly não tivesse planeado realizar investigação neste local aproveitou as circunstâncias para lançar a próxima fase da sua carreira – um projeto de história oral com duração de 10 anos, com anciãos de 110 tribos Enga, que cobriram sete gerações da história Enga. Mais uma vez, estava envolvida num projeto que usava o passado e o presente para trocas de informação (Balter, 2010, p.745).

Uma imagem com pessoa, exterior, terra, grupo

Descrição gerada automaticamente  
  
  
 Para entender o sentido social por trás dos conflitos entre os clãs, Wiessner, passou 13 anos a morar com os Enga e explicou que eles sempre foram um povo bélico, mas que, durante dois períodos, os conflitos internos foram agravados. O primeiro foi pré-colonial, com a introdução do plantio da batata-doce, há aproximadamente 350 ou 400 anos atrás. A atividade levou a profundas modificações na organização social dos Enga. Segundo a autora, essa foi a primeira vez em que o povo teve acesso a um excedente de produção. De facto, poderia ser um estímulo para o convívio pacífico, mas pelo contrário, incentivou a competição por mais poder e riqueza. As guerras foram o meio encontrado para tentar resolver as diferenças na distribuição dos recursos.

**Figura 4** – Chefes da aldeia tribal de Enga. Fonte: Wiessner, 2012.

Após algumas décadas a estudar este povo Enga, Wiessner observou uma profunda mudança no conhecimento da tradição, cultura e história. O primeiro contato dos Enga com ocidentais ocorreu na década de 1950, e com ele veio uma rápida mudança tanto na história, como nas suas tradições. O namoro, casamentos, relações homem-mulher, e até guerra e paz começaram a assumir novas características, eliminando rapidamente o antigo (Dressler, 2010).

A antropóloga observa assim que, entender o comportamento básico destas pequenas sociedades é realmente necessário para se compreender a evolução de algumas coisas como o conflito de cooperação que permitiu o surgimento de sociedades e de maiores produções. Também há muito interesse nas sociedades de pequena escala, pois não se sabe por quanto tempo elas estarão aqui, uma vez que estão a ser rapidamente influenciadas pela globalização e ética capitalista. Deste modo, procuram-se alguns princípios fundamentais da sociedade (Wiessner, 2015).

A sua pesquisa sobre estas redes de intercâmbio no deserto do Kalahari em África e na Papua-Nova Guiné forneceu aos antropólogos e arqueólogos alguns dos seus melhores modelos para a evolução cultural das sociedades pré-históricas. *“It forms the basis of a lot of people’s thinking about how we became human.”* diz a antropóloga Alison Brooks, da George Washington University, Washington, DC.

Também o arqueólogo Clive Gamble, de Royal Holloway, da Universidade de Londres acrescenta: *“Take away Polly’s insights, and our view of the social world of our Paleolithic ancestors would contract back to the scale of the cave.”* (Balter, 2010, p.743)

Em Enga, Polly Wiessner foi também fundadora de uma organização sem fins lucrativos. Construiu o Tradition and Transition Fund, para manter vivo o conhecimento do património cultural.

Esta é igualmente uma organização que atende às necessidades atuais das populações que ela estuda:   
– Segurança alimentar para os bosquímanos do deserto de Kalahari;

– Construção de um centro de pesquisa, o Enga Take Anda ou “casa do conhecimento tradicional” em Wabag, na província de Enga, na Papua Nova Guiné.

Uma imagem com exterior, árvore, relva, céu

Descrição gerada automaticamenteO Enga Take Anda, está atualmente integrado na educação cultural em todas as escolas da província de Enga com materiais educacionais produzidos pela própria.

Em ambos os seus lugares de estudo, Polly Wiessner faz trabalho científico e vai todos os anos durante alguns meses acompanhar o trabalho.

**Figura 5 -** A inauguração do centro Enga Take Anda. Fonte: Dressler, 2010.

Uma imagem com chão, interior, teto, galeria

Descrição gerada automaticamente

Quando lhe perguntam o que a leva a cantos tão remotos do planeta, diz: “*It’s long-term friendships and understanding what people in other cultures face in their lives, how they cope and adapt in this rapidly changing world that intrigues me the most.”* (Dressler, 2010).

**Figura 6 -** Galeria principal do centro Enga Take Anda. Fonte: Dressler, 2010.

O seu trabalho mais recente está relacionado à antropologia da noite. A noite é muitas vezes a hora da imaginação – definindo a imaginação como a habilidade de formar imagens mentais de algo não presente aos sentidos e nunca totalmente percebidos na realidade. Assim, o que acontece durante o dia e a noite? Porque são as horas da luz do fogo importantes? Não é tão fácil de descobrir. Há cerca de aproximadamente 300 ou 400.000 anos atrás, os primeiros humanos ganharam o controlo do fogo dando origem ao poder de estender o dia, o que alterou significativamente os seus ritmos circadianos.

Com as conversas e atividades geradas à luz do fogo, o objetivo de Wiessner é comparar essas conversas e atividades tanto diurnas como noturnas dos bosquímanos do deserto de Kalahari para compreender melhor o que acontece durante o horário que é iluminado. Em contraste com os aspetos práticos e novidades que ocorrem durante o dia, o ambiente da noite em torno das lareiras atrai as pessoas para o domínio da imaginação através das artes da música, dança e contar histórias.

A antropóloga escreve, *“Stories told by firelight put listeners on the same emotional wavelength”,* e acrescenta que o fogo ainda continua esse propósito nos dias de hoje: “*The power of the flame is reproduced in our homes through fireplaces and candles.”* (Bartel, 2014).

Apesar da vida diária dos pequenos bandos não transmitir uma visão abrangente da sociedade bosquímana, as histórias à beira da lareira analisam as relações de parentesco, casamentos passados, visões do mundo espiritual ou até mesmo viagens. Estas histórias estimulam os sentidos com imagens e emoções, permitindo que as pessoas imaginem o quadro geral da sociedade por mais intangível que seja. Posto isto, não é de surpreender que as histórias transmitidas pela palavra, pelo filme ou pela escrita continuem a inflamar a imaginação em todas as sociedades nos dias de hoje (Wiessner, 2018).

Ao longo da sua jornada, Polly ajudou os povos tradicionais com os quais trabalha, a navegar no mundo moderno.

Wiessner é autora, coautora, editou quatro livros e publicou artigos na Current Anthropology, Science, PNAS, entre outros livros e revistas. Para muitos dos seus colegas, Wiessner é o ideal do que um antropólogo deveria ser como diz Alison Brooks: (Balter, 2010, p.745)

*“She pioneered a new kind of collaborative research, where you don’t just use informants, but you involve them in your research, she fulfills the dream of being a universal anthropologist, the kind we rarely see these days.”* **Bibliografia**

BALTER, Michael (2010) – *Anthropologist Brings Worlds Together*. Science, AAAS, vol. 329. p. 743-745.

BALTER, Michael (2014) – Ancient *campfires led to the rise of storytelling.* Science, AAAS. Acedido a 2 de Janeiro de 2021 em, <https://www.sciencemag.org/news/2014/09/ancient-campfires-led-rise-storytelling>

Center for Academic Research & Training In Anthropogeny (2018) – *Imagination and Human Origins - Polly Wiessner Adrie and Alfons Kennis Alysson Muotri.* Acedido a 29 de Dezembro de 2020 em, <https://www.youtube.com/watch?v=xBYnNKhxPv4>

DRESSLER, Taunya (2010) – *You need a person.* Continuum. Acedido a 2 de Janeiro de 2021 no site da Universidade de Utah em, <https://continuum.utah.edu/departments/you-need-a-person/>

National Academy of Sciences – *Polly Wiessner*. Acedido a 29 de Dezembro de 2020 em, <http://www.nasonline.org/member-directory/members/20030252.html>

OPUSMEDIA (2020) – *The origins of Storytelling with Professor Polly Wiessner.*

Acedido em 29 de Dezembro de 2020 em, <https://www.youtube.com/watch?v=HZl-s7uNHUA>

WIESSNER, Polly (1993) *– Connecting the connected: The inheritance of social ties among the Ju/’hoan Bushmen and the Enga of Papua New Guinea*. Department of anthropology University of Utah. P. 1-15.

WIESSNER, Polly (2014) – *Embers of society: Firelight talk among the Ju/’hoansi Bushmen*. In, PNAS, Vol. 111, Nº39. P. 14027-14035. Acedido a 26 de Dezembro de 2020, em <https://www.pnas.org/content/pnas/111/39/14027.full.pdf>

WIESSNER, Polly. (2015) – *Conversation with Anthropologist Polly Wiessner.* University of Richmond. Acedido a 27 de Dezembro de 2020 em, <https://www.youtube.com/watch?v=I7ML3KsI1us&t=205s>

WIESSNER, Polly (2018) – *Imagining society: the art of firelight stories.* In, Imagination and human origins. Center for Academic Research & Training in Anthropogeny. Acedido a 26 de Dezembro de 2020 em, <https://carta.anthropogeny.org/events/sessions/imagining-society-art-firelight-stories>

1. Ju/’hoansi significa pessoas reais. (Opusmedia, 2020) [↑](#footnote-ref-1)